Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Fabio Lopes da Silva Prado fabiolprado@gmail.com

OS OUVIDOS NÃO POSSUEM ESFÍNCTER, MAS EXISTEM *EARPODS*

Resumo: O trabalho discute a relação entre voz, supereu e adolescência a partir da clínica psicanalítica e das contribuições de Jean-Michel Vivès. Entende-se a adolescência como momento de ruptura com referências parentais infantis e de reinscrição do sujeito no laço social. As modulações vocais puberais revelam, no corpo, o conflito entre a voz herdada do Outro e a busca por uma voz própria. A dimensão vocal do supereu evidencia sua dupla face: persecutória e gozosa, que ordena insensatamente; e legisladora, que introduz limites e permite a inscrição simbólica. Assim, a voz se mostra lugar de tensão entre excesso e laço, oferecendo uma via privilegiada para pensar os impasses da clínica contemporânea com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência, voz, supereu, clínica contemporânea

São Paulo

2025

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



Fabio Lopes da Silva Prado fabiolprado@gmail.com

THE EARS DON'T HAVE A SPHINCTER, BUT EARPODS DO EXIST.

Abstract: This paper discusses the relationship between voice, superego, and adolescence based on psychoanalytic clinical practice and Jean-Michel Vivès' contributions. Adolescence is understood as a moment of rupture with infantile parental references and a time in which the subject must reintegrate into social bonds. Pubertal vocal modulations reveal, in the body, the conflict between the voice inherited from the Other and the search for one's own voice. The vocal dimension of the superego highlights its dual face: persecutory and driven by jouissance, imposing senseless commands; and legislative, introducing limits and enabling symbolic inscription. Thus, the voice emerges as a site of tension between excess and connection, offering a privileged path for addressing the challenges of contemporary clinical work with adolescents**.**

Keywords: Adolescence, voice, superego, contemporary clinical practice

São Paulo

2025

Se Deus é pai

É a voz minha mãe

Que me fez entender quem sou

(Gal Costa. Mãe de todas as vozes)

- SIMPLESMENTE, O MAIOR VILÃO JÁ VISTO! - Ele disse isso com uma voz bem alta e aguda, quase esganiçada, naquela variação bem típica da idade: tinha 14 anos.

Nessa sessão, como em tantas, ele contava as histórias de seus videogames. Tinha chegado à terapia já fazia algum tempo, com dificuldades para trocar a letra bastão pela cursiva, ou avançar de nível na matemática, enfim, resistia em “passar de fase”. As sessões eram recheadas com as aventuras dos seus jogos em detalhes pormenorizados, a ficha técnica dos títulos e comparações embasadas dos consoles, paixão que compartilhava com o pai.

Que vilão seria capaz de provocar no jovem tamanha euforia descontrolada, tamanha convulsão corporal, a ponto de fazer ressurgir, quase como um eco assombroso, a voz infantil que sua laringe em plena metamorfose denunciava? Ele falava de uma criatura fantástica, uma tartaruga monstruosa, coberta de espinhos, que lançava labaredas incandescentes, ou algo assim. Mas há, contudo, um inimigo ainda mais miserável, mais cruel, mais torpe e infame. Um adversário invisível que ameaça cada um de nós, que nos subjuga com ferocidade silenciosa, que nos humilha e aleija sem piedade. Contra ele não existe arma suficientemente letal, nem armadura sólida o bastante para conter sua fúria insidiosa. Esse algoz pérfido habita em nossas profundezas, camuflado em nosso íntimo mais obscuro; das nossas entranhas ele nos censura, nos maldiz, nos persegue e, implacável, nos anula. Eis o supereu em sua face mais mortífera e devastadora.

> *O supereu é, a um só tempo, a lei e sua destruição. nisso, ele é a própria fala, o comando da lei, uma vez que dela resta apenas a raiz. A lei se reduz por inteiro a alguma coisa que não se pode sequer expressar, como o Tu deves, que é uma fala privada de todos os seus sentidos. É desse modo que o supereu acaba por se identificar com o que há de mais devastador, de mais fascinante, nas experiências primitivas do sujeito. Ele acaba por se identificar com o que chamo de figura feroz, com as figuras que podemos ligar aos traumas primitivos, não importa quais sejam, sofridos pela criança. (*Lacan, 1953 apud Vivès 2018*)*

Provocada por essa cena, essa pesquisa pretende investigar se as modulações vocais do jovem, tão típicas, podem ser lidas como a expressão no Real de um rearranjo estrutural, onde supereu e voz estariam envolvidos.

Pensemos adolescência como um tempo de crise radical, em que se desvelam tensões e conflitos que atravessam tanto o tecido social quanto a interioridade do sujeito. É o momento em que tudo parece se deslocar: o corpo já não é o mesmo, o vínculo com a família se transforma e o olhar dos pares ganha uma força inédita. Um tempo de passagem, em que o sujeito se vê diante de si mesmo e precisa reinventar-se. A adolescência como uma reordenação subjetiva, provocada por algo de real e atordoante, enquanto tentativa de simbolização do que houve de brutal nesse encontro.

Culturalmente, a adolescência carrega uma dupla mensagem. Por um lado, é supervalorizada, símbolo de potência, de um ideal de imortalidade, de transgressão e liberdade sem limites. Por outro, é também vista como um tempo de inexperiência, descompromisso e despreparo.

O espírito do contemporâneo parece ordenar a todos: sejam felizes o tempo inteiro. A juventude, então, encarna esse mandamento. São aqueles que podem tudo: viver sem obstáculos, sem amarras, sem deveres. Paradoxalmente, porém, o que se vê é um número crescente de jovens mergulhados em sofrimento psíquico, especialmente no campo do narcisismo, da constituição de si e das relações com o outro. É como se, diante da promessa de uma liberdade absoluta, o sujeito se visse prisioneiro de um vazio que não sabe nomear.

É um corpo em transformação acelerada: altura, peso, pelos, cheiros e voz se modificam, instaurando uma sensação de estranhamento diante de si e do olhar do outro. Essas mudanças impulsionam o jovem a uma nova relação com o mundo, que agora o percebe de outro modo. O corpo da criança cresce, o do adulto envelhece e morre. Entrar na adolescência é, portanto, deparar-se com a finitude.

O adolescente precisa reorganizar sua relação com o seu corpo e com seus vínculos sociais. Talvez por isso se diga que a clínica com adolescentes se assemelha à clínica com bebês, pois os impasses vividos no início da vida retornam e se colocam à prova: a construção de limites entre o eu e o outro, a tentativa de habitar um corpo que ultrapassa as capacidades do aparelho psíquico em suas pulsões, e a vivência de experiências que oscilam entre a dependência e uma autonomia ainda relativa.

O real do corpo, na adolescência, retira o sujeito à força do período de latência, confrontando-o com a frustração de uma satisfação pulsional impossível. A puberdade irrompe como um tempo de reorganização da genitalidade, pressionando o corpo em busca de novas formas de satisfação.

Assim, o desenvolvimento da sexualidade humana exige o recalcamento das pulsões incestuosas da infância e, mais tarde, um novo velamento dessas mesmas pulsões, que ressurgem na adolescência. O sujeito é então convocado a ressignificar essas moções pulsionais infantis, tarefa psíquica árdua que implica o afastamento da autoridade parental.

Somente rompendo o amor incestuoso dirigido aos pais o adolescente pode inscrever-se verdadeiramente no campo social, onde novos objetos se apresentam como suplência simbólica ao objeto perdido.

O adolescente oscila entre a afirmação de sua individualidade e a necessidade de "mesmidade” em relação ao grupo de sua idade, usando uma linguagem comum, ou vestindo-se ou comportando-se de maneira uniforme. Amparados nos ideais da cultura contemporânea, muitos acabam se fechando em um etarismo que desvaloriza

o que vem das gerações anteriores, buscando reconhecimento apenas nos códigos próprios de seu tempo.

Com o avanço da massificação cultural, essa homogeneização de costumes e comportamentos que contrasta, mas sustenta o imperativo midiático do “seja você mesmo”, alguns acabam se refugiando em nichos tão particulares quanto impenetráveis, na tentativa de preservar alguma forma de identidade em meio à avalanche do igual.

O jovem enfrenta um intenso trabalho psíquico em busca de novas identificações, seja nos pares, seja nos modelos oferecidos pela cultura. É um percurso arriscado, feito de idas e vindas entre a necessidade de pertencer e o desejo de afirmar-se como sujeito singular.

Impõe-se uma reconfiguração dos afetos: o amor, antes centrado nos pais, desloca-se agora para os pares. Trata-se de uma travessia delicada: trocar o certo pelo duvidoso, o familiar pelo desconhecido, e lidar com o mistério que essa mudança carrega.

Nesse processo, os pais perdem o lugar de heróis e, muitas vezes, tornam-se vilões aos olhos do jovem que busca afirmar-se como sujeito. É o tempo em que antigas certezas se desfazem, e novas referências ainda não se consolidaram. Goldenberg define essa etapa como uma `renegociação da dívida com o pai`, querendo dizer que, durante o período de latência, existia uma promessa infantil de que, na hora certa, seriam entregues os atributos necessários para lidar com a falta do amor total materno. Acontece que o pai não só não entregou tais atributos, como ele mesmo não os tem, causando revolta e crise subjetiva.

> *"Maldón, assim chamávamos, em Buenos Aires, ao erro na distribuição do baralho que anulava a rodada e permitia recomeçar o jogo. O jogador que se sentisse de alguma maneira lesado (número errado de cartas, baralho virado do avesso, etc..) podia gritar Maldón! e deter o jogo, para alegria de uns e pesar de outros. O adolescente reclama pelo 'mau dom' que recebeu do pai e que o deixa tão desprovido na hora de enfrentar o gozo sexual" (in RAPPAPORT, 1993 p.62)*

Por isso, a crise do adolescente não é apenas dele, mas de toda a família. Cada um é convocado a rever seu papel, a suportar o estranhamento, a aprender a amar de outro modo. É uma crise que revela o quanto o crescimento de um implica também o deslocamento de todos.

Ao emergir das transformações corporais da puberdade, o jovem passa a buscar no campo social o objeto de amor perdido. Para tanto, precisa se desvencilhar dos ideais e significantes parentais que o sustentaram durante a infância. Trata-se de um verdadeiro luto subjetivo, no qual o adolescente abandona o ideal de completude e enfrenta a transição da autoridade de um pai imaginário, não castrado e situado acima das leis da civilização, para um pai simbólico, castrado e submetido às leis da cultura.

Contudo, na contemporaneidade, esse pai imaginário, onipotente e idealizado, é mantido e cultivado pelo próprio discurso social hegemônico, que se apropria de sua imagem para sustentar o mito da satisfação plena e da felicidade sem falta.

Essa figura paterna infantil não desaparece por completo: é interiorizada. A autoridade outrora exercida de fora passa a habitar o sujeito sob a forma de uma voz que ordena, julga e vigia — o supereu. Assim, a idealização de um pai onipotente, agora incorporada à vida psíquica, converte-se em mandamento interno que, como veremos, ora pacifica, ora devasta.

A grossa voz do Supereu

Que o adolescente passa por transformações intensas e desestabilizadoras já é sabido. Seu corpo se refaz, sua voz se estranha, e o mundo que antes parecia

familiar se torna outro, como se tudo precisasse ser reinventado. O que nossas pesquisas sobre a voz e nossa clínica nos permitem sustentar é que a modulação vocal do adolescente, portanto, a variação do seu timbre, indica uma modulação estrutural do sujeito, particularmente em sua dimensão superegoica. Para fundamentar essa colocação, seguiremos as formulações de Vivès (2018) a respeito da dimensão vocal do supereu.

> O timbre vocal é a resultante complexa da transformação e da modelagem do som laríngeo pelas cavidades de ressonância. Encontra-se, pois, em contato direto com o real do corpo e se mostra pouco modificável, exceto justamente pelos golpes do real, como a puberdade (...)" (VIVÈS, 2018, p. 46)

Em outro texto, o autor coloca que foi Lacan quem abriu a brecha para a análise das relações entre o sujeito e essa dimensão real da voz que é o timbre

> O sujeito produz a voz. Digo mais, a função da voz faz sempre intervir no discurso o peso do sujeito, seu peso real. A voz grossa, por exemplo, a princípio entra em jogo na formação da instância do supereu, onde ela representa a instância de um Outro se manifestando como real. (LACAN, *apud* VIVÈS, 2020, p. 200)

Ao longo da adolescência, a voz torna-se um lugar privilegiado para escutar algo das transformações estruturais que atravessam o sujeito. Não se trata apenas de uma mudança fisiológica, resultante das modificações corporais da puberdade, mas de uma verdadeira passagem subjetiva: a voz, que antes se sustentava num corpo infantil, começa a ressoar de outro modo. É nesse ponto que o timbre, enquanto marca singular de cada sujeito, adquire um valor clínico e simbólico. "Com a fala, os sujeitos conversam, debatem, decidem, contam; com a voz, em sua dimensão de timbre, o sujeito se manifesta." (VIVÈS, 2018, p. 46)

No capítulo "Lei, violência e supereu", do livro "A voz na clínica psicanalítica" de 2018, Jean-Michel Vivès propõe estudar a dimensão vocal da violência superegoica. Ele revisita os estudos de Lacan e Theodor Reik sobre o chofar, instrumento rudimentar feito de chifre de carneiro e usado na liturgia judaica, que ilustra a articulação entre voz, lei e supereu. Lacan observa como o som do chofar

provoca uma emoção desproporcional à sua simplicidade. O som é pobre, mas o afeto que suscita é intenso, inquietante, quase sagrado.

> Os que se ofereceram essa experiência atestaram, creio eu, o caráter (...) profundamente comovente e inquietante desses sons. Independentemente da atmosfera de recolhimento, de fé e mesmo de arrependimento em que eles se manifestam e ressoam, uma emoção inusitada surge pelas vias misteriosas do afeto propriamente auditivo, a qual não pode deixar de comover, num grau realmente insólito, todos aqueles em condições de escutá-los. (Lacan, 1962-63: 284, apud VIVÈS, p. 52)

Vivès comenta que esse efeito não se deve apenas à dimensão ritualística do instrumento, mas à ressonância arcaica que ele desperta, como uma lembrança ancestral de uma voz primordial, a voz de um pai morto. O instrumento é soprado de forma a produzir três tipos de toques

> O primeiro, longo e contínuo, a Tekiá, pode-se traduzir como ‘estar fixado’. Depois desse primeiro toque, são produzidos três sons de igual duração, equivalentes a cada terço da Tekiá. Essa série é o Shevarim, cuja tradução pode ser ‘fragmentos’. O terceiro é constituído de nove sons curtos de igual duração, equivalentes à nona parte da Tekiá, ou a um terço de cada Shevarim. Teruá quer dizer abalo ou tremor, entrada em movimento. Por fim, uma nova Tekiá conclui o ciclo. (VIVÈS, 2018 p. 52)

Reik interpreta o som do chofar como a voz de Deus sob a forma antiga de animal totêmico levado à morte em cerimônias sacrificiais. O som ecoaria, assim, o momento mítico do assassinato do pai primordial descrito por Freud em Totem e Tabu: o pai tirânico, detentor do gozo absoluto, morto e devorado pelos filhos, “mecanismo que se encontra na origem do supereu” (VIVÈS, 2018 p. 53).

O pacto posterior (o de não repetir o assassinato e de instituir a lei) funda a cultura, mas não apaga o crime. A lembrança retorna, disfarçada, sob a forma do totem e, neste contexto, do som. O chofar torna-se, então, o atributo vocal do totem, um resto sonoro do pai arcaico. Vivès marca que esse som carrega duas dimensões da voz: a do pai arcaico, fora da lei, que ordena e subjuga, e aquela que, carregando a lei, apazigua e organiza. “A lei conduzida pela voz faz calar a voz fora da lei constituída pelo supereu” (p.54). Como se o toque do instrumento colocasse em jogo essas duas faces da moeda sonora, até pela maneira que é tocado. Seu som inicial, contínuo, remeteria ao gozo sem freio. Em seguida, o som intervalado lembraria a

interdição e, portanto, a lei instaurada depois do assassinato. No fim, o retorno do som contínuo relembra o porquê da lei ter sido instaurada. Aparecem aí, enlaçando-se, as duas faces da voz na constituição do supereu: a persecutória que goza e a legisladora que pacifica.

> A lei precisa desse ponto de gozo introduzido pela voz, pois ele permite situar, em seu próprio coração, a dimensão do fora de sentido, um ponto de vacuidade em que o sujeito deve advir como sujeito e não como objeto da lei (VIVÈS, 2018 p. 56)

Se, no mito freudiano, o som do chofar ressoa como o eco do pai morto, vestígio sonoro de uma voz que sobrevive à morte, talvez possamos pensar que algo dessa cena mítica se atualiza na experiência dos jovens. Ora, não estão os adolescentes no centro desse romance mitológico, vivendo interna e intensamente o assassinato simbólico de um pai infantil, idealizado, completo, para então se depararem com um pai faltante, humano, desprovido de valor absoluto?

Essa passagem, dolorosa e necessária, parece inscrever-se em cada adolescência como uma repetição, em escala íntima, do mito. A criança, que outrora via no pai a totalidade, o protetor onipotente e o espelho de perfeição, descobre, com o despertar do desejo e da própria individuação, que o pai é falho, limitado, castrado. O processo implica, de algum modo, a morte simbólica dessa figura idealizada, para que um novo lugar possa emergir.

Em uma conversa com o pai de um jovem paciente, ele se queixava, sentido, de que o filho, que antes era seu chaveirinho e o acompanhava para todos os lados, agora não queria mais saber dele. Dizia sentir-se desprezado, como se tivesse perdido o amor e o brilho de antes. O que ele não percebia, porém, é que esse afastamento não era um desamor, mas parte de um rito interno: o filho precisava matar o pai de sua infância para poder nascer como sujeito separado.

Há, nesse gesto adolescente, uma forma de crueldade inevitável e também de fidelidade inconsciente ao mito. O pai morre, mas permanece como voz, como resto, como eco superegoico. É como se, ao desprezar o pai visível, ele desse lugar ao pai

invisível, internalizado, aquele que continuará a falar em sua consciência, impondo normas, juízos e interdições.

Assim, o desprezo aparente do filho pode ser lido menos como desamor e mais como ato fundador de separação, momento em que o sujeito precisa apagar a imagem ideal para suportar a falta. O pai, por sua vez, sente o golpe dessa perda e, em seu lamento, revive também sua própria ferida narcísica: a lembrança de que não é todo, de que não pode mais ser o centro do mundo do filho.

No fundo, pai e filho estão enredados no mesmo mito, representando, cada um a seu modo, a repetição do drama inaugural: o assassinato do pai todo-poderoso e o surgimento da lei que o substitui. Mas, aqui, o mito não se cumpre em um ato violento, e sim em um movimento silencioso de distância e desencontro, de identificação e desidentificação.

O que ecoa após esse assassinato simbólico não é o silêncio, mas o barulho da voz que permanece. Se o pai real é afastado, a sua voz, internalizada, ganha nova força: uma força que fala de dentro, como um murmúrio que não cessa. Essa é a voz do supereu, herdeiro tirânico do pai morto, que não se cala, que insiste, que cobra.

É como se, ao perder o pai visível, o jovem herdasse o seu som. A antiga figura que dizia “não” transforma-se em um imperativo que diz “deves”. É uma voz que não protege, mas vigia; não consola, mas acusa. Ela fala em nome de uma lei sem rosto, um comando que o jovem tenta calar sem nunca conseguir totalmente.

Vivès lembra do estudo de Isakower sobre um pequeno crustáceo que coloca grãos de areia nos ouvidos para manter o equilíbrio. Essa imagem, retomada por Lacan, serve para articular a relação entre a voz e o supereu. Segundo Vivès, o fenômeno descrito por Isakower ajuda a compreender a gênese do supereu: “Os pequenos grãos de areia equivaleriam aos fragmentos das injunções parentais introjetadas pela criança (...) que permanecem submetidas a uma instância exterior.” (VIVÈS, 2018, p. 51)

Talvez por isso tantos adolescentes parecem viver sempre de fones de ouvido. A música constante não seria apenas um gosto ou um hábito geracional, mas uma tentativa de regular o ruído interno, de cobrir o urro do supereu com um som escolhido. O fone não é só adereço: é também barreira acústica contra a invasão da fúria da voz parental interiorizada.

Enquanto escutam suas playlists, os jovens inventam modos de suportar o excesso dessa presença sonora que não se cala. Tentam transformar o ruído do dever em ritmo, a censura em batida, o peso da herança em som próprio. Nesse gesto, criam pequenas ilhas de autonomia, espaços em que a voz de fora dá lugar à voz de dentro, não mais como eco do pai, mas como ensaio de subjetividade.

Eis um desafio clínico contemporâneo: distinguir o que é voz herdada e o que é voz própria. Entre o som do chofar, que recorda o pai arcaico, e os fones de ouvido, que abafam os ideais superegoicos da modernidade, o adolescente segue tentando equilibrar-se entre o grito e o silêncio, entre o gozo e a lei, entre o ruído do outro e a escuta de si.

Considerações finais

A pesquisa nos trouxe, até aqui, importantes compreensões, mas também nos abre caminhos promissores e, a nosso ver, essenciais para pensar a clínica contemporânea com adolescentes, ainda que o tempo e a disposição, por ora, não tenham nos permitido avançar nessas direções. Contamos com a compreensão do leitor para a forma ligeira com que apresentamos tais pontos, na esperança de que deles nos ocuparemos ainda:

1) Vimos que o adolescente atravessa uma passagem crítica de desidentificação com as figuras parentais infantis, onipotentes, em direção a uma exploração do campo social, na busca por novas identificações. Nesse cenário, quais seriam os efeitos da inundação psíquica e sensorial provocada pelas redes sociais? O fluxo interminável de conteúdos hiper personalizados, que via de regra tamponam a reflexão e o próprio pensamento, criam a ilusão de termos passado ao domínio da

inteligência sem limites, eliminando a distância entre o saber e o não saber. O jovem Casey Lumley, em uma entrevista, nos dá uma pista do que pode estar acontecendo: “Eu frequentemente usava o aplicativo para ter ruído de fundo. Era mais difícil para mim criar minhas próprias opiniões e expressar meus próprios pensamentos durante o dia”. Esse ruído constante que desobriga o pensamento também foi colocado pelo paciente Julien

> Quando eu escuto música eletrônica no fone eu não preciso falar, tudo está lá. A música fala comigo e eu não tenho nada a dizer. Quando eu venho te ver (o psicanalista), é o contrário: você está mais para silencioso e eu falo. (VIVÈS, 2020, p.201)

Podemos supor essas experiências de excesso no campo do gozo, essa dimensão da voz anterior à lei, que promete um contínuo infinito, onde tudo seria possível.

2) No outro lado da moeda, se a voz sem lei é um chamado ao gozo, um canto de sereia, a lei sem voz é letra morta, objetificante. Sob esse prisma, a medicalização dos afetos atualmente testemunhada pode ser compreendida como um mecanismo que silencia o jovem em nome de um “projeto de vida” previamente traçado pelo discurso social hegemônico, onde não há espaço para o desejo, a dúvida ou a angústia do sujeito. Nesse discurso, a juventude é idealizada como a “melhor fase da vida”, tempo de plenitude e liberdade, em que se poderia “fazer o que quiser”. Espera-se, portanto, que o jovem seja feliz, produtivo e entusiasmado. Quando esse ideal não se cumpre, quando surgem o cansaço, a apatia ou a dor, a resposta costuma vir sob a forma de remédios, diagnósticos e protocolos. Assim, o sujeito é reduzido à obediência a uma norma sem corpo e sem escuta, uma lei sem voz e, portanto, sem transmissão, que, ao prometer cura e adaptação, acaba por apagar a singularidade da experiência e o valor do sofrimento como via de elaboração subjetiva.

3) Por fim, é preciso pensar nas implicações clínicas dessas reflexões, entre elas a de permitir que a voz do supereu se “desinternalize”, no sentido de se tornar menos íntima e torturante, e mais externa, compondo com outras vozes do mundo uma sinfonia possível. “O trabalho analítico consiste, então, em supor no outro

a existência de um sujeito que pode responder ao ‘Tu és só isso’ da censura com um ‘Não sou apenas isso’, essencialmente simbólico” (VIVÈS, 2018, p. 47).

Bibliografia

ASSOUN, Paul-Laurent. *O olhar e a voz: lições psicanalíticas sobre o olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DIAS, Mauro Mendes. *A voz na experiência psicanalítica: III Jornada seminário fundamentos da clínica do psicanalista pelas psicoses* / Mauro Mendes Dias (org) - 1 ed. - São Paulo: Zagodoni, 2015.

MALISKA, Maurício Eugênio (org). *A voz na psicanálise - suas incidências na constituição do sujeito, na clínica e na cultura.* Curitiba: Juruá, 2015.

NASIO, Juan-David. *Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RAPPAPORT, Clara Regina (coord.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993

VIVÈS, Jean-Michel**.** *A voz na clínica psicanalítica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2018

VIVÈS, Jean-Michel**.** *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa, Corpo Freudiano seção Rio de Janeiro, 2018

VIVÈS, Jean-Michel**.** *A voz no divã*. São Paulo: Aller, 2025

COMO O TIKTOK MANTÉM SEUS USUÁRIOS CONECTADOS POR HORAS TODOS OS DIA. Folha de São Paulo, 9/10/25. acessado em 1/11/2025 https://www1.folha.uol.com.br/tec/2025/10/como-o-tiktok-mantem-seus-usuarios-conectados-por-horas-todos-os-dias.shtml